

Observações sobre os compostos da LIBRAS: a interpretação das categorias gramaticais

***Abstract:** This paper aims at investigating word formation strategies in Brazilian Sign Language (LSB, from Portuguese, *Língua de Sinais Brasileira* or LIBRAS), specially compounding. It also aims at promoting a discussion about the semantic interpretation of grammatical categories following Distributed Morphology approach (HALLE & MARANTZ, 1993). As a result for this research, we raised some hypothesis: (i) there are two kinds of roots in LSB, one in which the feature of movement is incorporated and other in which it is not; and, (ii) the feature [+movement] can be considered a categorizing morpheme, when it is not incorporated into the root.*

***Keywords:** Brazilian Sign Language; Compounding; Distributed Morphology; Acategoryal Roots.*

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar as estratégias de formação de palavras na Língua de Sinais Brasileira (LSB ou LIBRAS), especialmente composição. O objetivo também é promover uma discussão sobre a interpretação semântica das categorias gramaticais seguindo o modelo teórico da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993). Como resultado da pesquisa, levantamos algumas hipóteses: (i) há dois tipos de raízes na LIBRAS, uma em que o traço de movimento está incorporado e outra em que não está incorporado na própria raiz; e, (ii) o traço [+movimento] pode ser considerado um morfema categorizador, quando ele não está incorporado dentro da raiz.

Palavras-chaves: Língua de Sinais Brasileira; Composição; Morfologia Distribuída; raízes acategoriais.

1. Introdução¹

No presente trabalho, discutimos os padrões de composição da Língua de Sinais Brasileira (doravante LIBRAS) e de modo especial, iniciamos uma discussão sobre a interpretação da categoria gramatical das palavras nesta língua. Começamos por indicar que há poucos estudos sobre a morfologia da LIBRAS, como por exemplo: Brito (1995), Quadros & Karnopp (2004), Felipe (2006), Figueiredo Silva & Sell (2009) e Rodero-Takahira (2012 e no prelo). Ao contrário da LIBRAS, podemos encontrar diversos trabalhos sobre morfologia na *American Sign Language* (ASL), como por exemplo: Stokoe (1960), Lidell & Johnson (2000 [1992], 1986), Aronoff, Meir & Sandler (2005), Meir et al. (2010), entre outros. Muitos deles exploram a questão das categorias na ASL.

Em um primeiro momento, investigamos alguns critérios tomados por Felipe (2006) para se considerar um morfema na LIBRAS, por exemplo: i) uma raiz ou *stem*, considerando a presença de movimento; ii) um afixo, considerando alterações entre movimento e formato da mão; ou, iii) uma desinência, expressa pela direção – que é considerada concordância de pessoa e número; ou formato da mão, que é considerado gênero².

A partir da análise de Felipe (2006), tentamos averiguar se o parâmetro Movimento, explicado como um fonema na literatura sobre a língua de sinais em geral, pode de fato ser considerado uma “raiz”, nos termos da autora, mesmo naqueles sinais que são sinalizados apenas utilizando expressões faciais, como é o caso do sinal LADRÃO³.

Os objetivos específicos deste trabalho são: explorar o fenômeno da composição, estudando seu comportamento morfossintático e semântico, olhando para as categorias dos sinais que formam o composto, ou mesmo para a categoria do nome composto formado na LIBRAS; e, definir como as raízes são articuladas para formar os compostos nessa língua.

Para tanto, coletamos dados de compostos e pares nome-verbo através de entrevistas com sinalizadores nativos de LIBRAS, principalmente, da variante da cidade de São Paulo; além disso, consideramos alguns dados como aqueles citados em Figueiredo Silva & Sell (2009) e Felipe (2006). Então, consideraremos compostos como em (1)⁴:

- | | | |
|-----|--|----------------------------------|
| (1) | a) CASA^ESTUDAR ‘escola’ | b) ÁGUA^CAMINHO ‘rio’ |
| | c) LOJA ^{CL} ^PIZZA ‘pizzaria’ ⁵ | d) SEXO^VIAJAR ‘lua-de-mel’ |
| | e) LADRÃO^ATRAIR ‘ganhar o público’ | f) PÉ^PÉ ^{CL} ‘chinelo’ |

Assim sendo, a questão principal que discutimos neste trabalho está relacionada à afirmação de alguns autores, como Quadros & Karnopp (2004), que consideram que há diferença marcada pelo parâmetro movimento entre nomes e verbos em alguns pares de sinais. Para elas, “o movimento dos nomes repete e encurta o movimento dos verbos”. Essas autoras seguem Supalla & Newport (1978, *apud* LIDELL & JOHNSON, 2000 [1992], p.270-271) que discutem que mudanças no padrão de movimento diferenciam mais de 100 pares nomes e verbos na ASL. Eles mostram que o sinal SIT (“sentar”) apresenta um único movimento unidirecional, enquanto que sua contraparte nominal, CHAIR (“cadeira”) apresenta movimento unidirecionais repetidos. Felipe (2006) considera que há diferença marcada apenas entre alguns nomes e verbos, mas essa diferença muitas vezes não é observada em alguns pares de sinais, uma vez que não houve diferença na sinalização de nomes e verbos por alguns Surdos que foram eliciados naquele estudo⁶.

Em nossa pesquisa, que tinha como foco esses pares duvidosos, encontramos algumas diferenças no que diz respeito ao parâmetro de movimento, porém observamos repetição ou aumento do movimento na contraparte verbal dos pares nome-verbo em alguns casos. A partir dessa possível diferenciação entre nomes e verbos que foi sugerida pelos dados, nos perguntamos se o composto na LIBRAS é formado com sinais que podem ser considerados nomes, ou seja N+N, ou os compostos podem ser V+V, ou ainda V+N. Vejamos os pares de

dados trazidos por Felipe (2006) que colocam em dúvida a marcação de categoria nominal ou verbal:

- (2) a) CASA/ MORAR b) TELEFONE/ TELEFONAR
c) CADEIRA/ SENTAR d) TESOURA/ CORTAR COM TESOURA

Com base nessa discussão, levantamos um conjunto de questões que serão discutidas no presente trabalho:

- Quais os tipos de raízes que encontramos na LIBRAS?
- Há diferenças entre as categorias gramaticais na LIBRAS?
- Que tipos de compostos a LIBRAS admite?
- Quais as principais estruturas para os compostos da LIBRAS?

O arcabouço teórico utilizado para analisar os dados é a Morfologia Distribuída (MD) (Halle & Marantz, 1993; Marantz, 1997), alguns desenvolvimentos dessa teoria que estão presentes em Arad (2003) e Minussi (2009), além de alguns trabalhos específicos da literatura sobre línguas de sinais, como Mathur (2000) e Supalla & Newport (1978, *apud* LIDELL & JOHNSON, 2000 [1992]).

A MD assume que tanto palavras quanto sentenças são formadas durante a derivação sintática, assim, não há um léxico que forma palavras previamente. Além disso, a MD prevê a existência de uma lista de elementos primitivos que contém raízes acategoriais e morfemas abstratos. Por essa razão, tal teoria pode trazer um novo ponto de vista sobre a formação dos sinais⁷ na LIBRAS e nos ajudar a definir a categoria, seja dos elementos que formam os compostos, seja do composto como um todo.

Na figura 1, vemos a arquitetura proposta pela MD, que postula a existência de três listas.

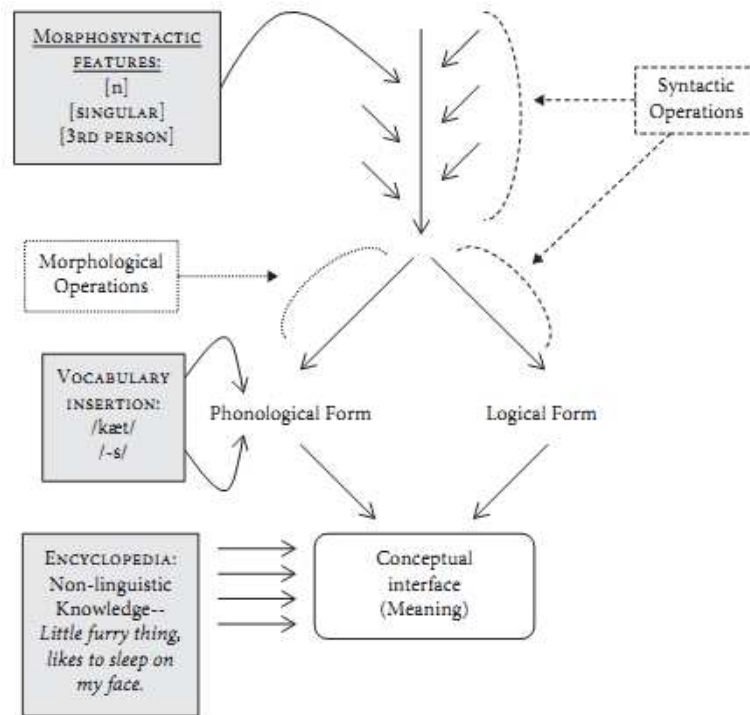


Figura 1: Arquitetura da MD (SIDDIQI, 2009, p.14)

É importante ressaltar também que a MD tem como um de seus princípios a Inserção Tardia, que significa que as raízes e os morfemas abstratos apenas receberão o conteúdo fonológico contido na Lista 2 (chamada de Vocabulário) após a derivação sintática. Neste ponto, a MD parece possuir outra vantagem em relação a teorias que postulam entradas lexicais com fonologia para tratar de uma língua sinalizada, pois possibilita a hipótese de uma interface diferente para línguas de sinais e línguas orais. Para tanto, o conteúdo da Lista 2, que nas línguas orais é composto por conteúdo fonológico, nas línguas de sinais a Lista 2 precisa conter um tipo de informação que deve remeter ao conteúdo fonológico pertinente às línguas de sinais. Esse conteúdo fonológico, por sua vez, se refere aos parâmetros das línguas de sinais e tais parâmetros são: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação ou direcionalidade da palma da mão (D), expressões faciais e corporais (Exp) que compõem um sinal em LIBRAS (cf. QUADROS & KARNOPP, 2004). Com isso, queremos dizer que precisa haver alguma relação entre o conteúdo da Lista 2 e os

parâmetros propostos para as Línguas de Sinais. Essa interface deve remeter a elementos pertinentes à fonética-fonologia visual⁸.

Um novo modelo de interface para a LIBRAS utilizando a MD já foi proposto por Mathur (2000). Ao tratar da concordância em quatro línguas de sinais, esse autor propõe que o uso referencial do espaço nessas línguas é algo exterior à gramática. Por sua vez, ao olhar para as modalidades linguísticas orais e sinalizadas, o autor sustenta que apesar de fazerem uso de processos diferentes no componente morfológico, no que diz respeito ao sistema de concordância, ambas as modalidades fazem uso do mesmo conjunto de processos disponibilizados pela gramática, deixando claro que as diferenças existentes entre tais modalidades não impedem que a Morfologia Distribuída se aplique a qualquer língua natural. Ainda segundo Mathur (2000), o tipo de articulador empregado não é importante para o nível sintático, pois este não possui informação fonológica e funciona de modo semelhante em ambas modalidades.

Por fim, o autor considera o aspecto espacial das línguas de sinais como uma interface entre o módulo linguístico e o módulo cognitivo espacial. Mathur (2000) distingue dois usos diferentes do espaço: um espaço articulatório e um referencial. Não vamos nos ater aos detalhes dessa proposta, uma vez que não está entre os objetivos deste trabalho. Abaixo, trazemos uma arquitetura da gramática proposta por esse autor em que se vê a relação da gramática com o espaço.

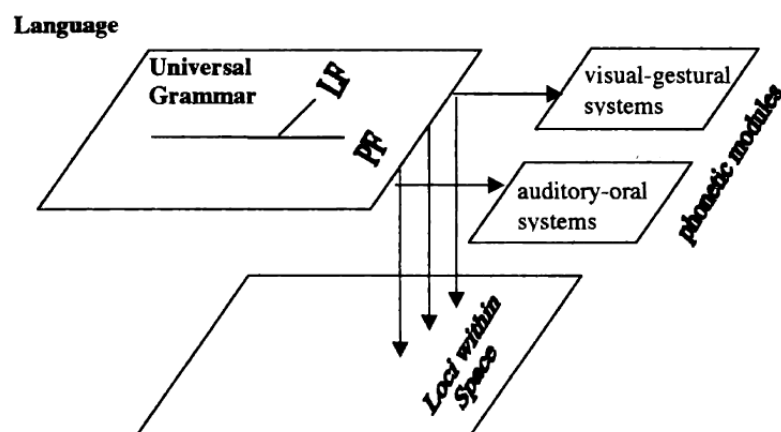


Figura 2: Esquema para a localização do espaço na arquitetura da gramática (MATHUR, 2000: 15)

Mathur (2000) ressalta alguns resultados desejados ao colocar o uso do espaço fora do âmbito da gramática. Em primeiro lugar, é possível extrair a parte gestual da língua de sinais e assimilá-la aos gestos que acompanham as línguas faladas, os quais também usam o espaço para mostrar relações. Em segundo lugar, podemos separar os princípios linguísticos universais verdadeiros a partir das propriedades universais das línguas de sinais decorrentes do uso do espaço, tais como o fato de que toda língua de sinais usa o mesmo sistema para mostrar concordância. Por fim, a questão de representar dentro da gramática todos os infinitos pontos no espaço torna-se discutível. Isto é, o *locus* não é representado fonologicamente de nenhum modo, ao contrário, ele pertence ao espaço, que é então ligado à gramática, como vimos na figura acima.

Voltando à questão das Listas propostas pela MD, também nos importa nesse trabalho uma definição de como devem ser tratadas as raízes, que estão contidas na Lista 1 (lista de elementos primitivos) na LIBRAS, verificando quais os traços presentes nessas raízes que são relevantes para a formação de sinais nessa língua.

O artigo está dividido do seguinte modo: na seção 2, discutimos quais traços formam uma raiz na LIBRAS, seguindo o que Marantz (2001) e Arad (2003) consideram como raiz, e também discutimos a possibilidade de haver diferença no parâmetro movimento entre pares

de nomes e verbos, com base em nossas gravações e dados apresentados em Felipe (2006); na seção 3, mostramos os tipos de compostos na LIBRAS apresentados na literatura, como em Felipe (2006), que discute exemplos de justaposição na LIBRAS e Figueiredo-Silva & Sell (2010) que consideram algumas regras, como ordem fixa, para identificar o que elas chamam de “compostos verdadeiros”, e nós também sugerimos duas estruturas para compostos na LIBRAS: [$\sqrt{\text{RAIZ}}$ (neutra) + classificador] e [$\sqrt{\text{RAIZ}}$ (neutra) + $\sqrt{\text{RAIZ}}$ (neutra)]; na seção 4, discutimos a possibilidade de formação de compostos simultâneos na LIBRAS, com base em Meir et al. (2010) sobre a ASL; finalmente, na seção 5, trazemos as conclusões deste trabalho.

2. Sobre os traços que uma raiz contém

Nesta seção, vamos discutir detalhadamente como um sinal deve ser formado na LIBRAS, levando em consideração que estamos adotando o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída, como já dissemos anteriormente. A MD prevê, para as línguas orais, que tanto palavras quanto sentenças são formadas pelo componente sintático. Para as línguas de sinais, é necessário fazer alguns ajustes teóricos, como por exemplo, o que de fato estamos considerando como uma raiz e quais são os morfemas abstratos que encontramos nessas línguas, além do fato de que os Itens de Vocabulário não terão um conteúdo fonológico tal qual aquele proposto para as línguas de sinais. Esse conteúdo fonológico, nas línguas de sinais, também devem possuir uma relação com os parâmetros nas línguas de sinais e posteriormente serão realizados como um Movimento ou uma Configuração de Mão, por exemplo, que ocorrerá apenas na interface com a fonologia visuo-gestual.

Já vimos que na LIBRAS há 5 parâmetros que combinados formam um sinal. Xavier (2006) traz uma análise de parâmetros enquanto fonemas; Rodero-Takahira (em andamento) traz uma análise de alguns parâmetros enquanto morfemas; neste trabalho, contudo, trazemos uma visão de parâmetros enquanto traços que podem compor uma raiz. É importante ressaltar

que da mesma forma que propostas de parâmetros enquanto fonemas não os descartam como morfemas e vice-versa, nossa proposta de parâmetros enquanto traços formais não exclui as outras duas análises de parâmetros enquanto fonologia ou morfologia visuais. Consideramos os parâmetros como as três coisas: fonema, morfema e traço, mas em momentos diferentes.

De modo particular, nossa proposta é que, em um primeiro momento da derivação, os parâmetros são apenas traços abstratos que compõem as raízes – e os chamaremos de **parâmetros abstratos**; em outro momento, eles são morfemas – e os chamaremos de **parâmetros morfológicos**; e, por fim, quando a realização física do sinal se realiza, os parâmetros já articulados são fonemas – e os chamamos de **parâmetros fonológicos**. É como se eles atuassem em três níveis diferentes, mas com propriedades diferentes em cada nível.

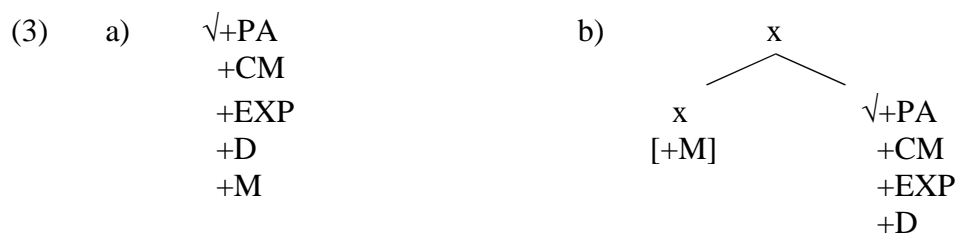
No modelo *standard* da MD (cf. HALE & MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997) as raízes propostas pela MD são acategoriais, isto é, não possuem uma categoria gramatical, e vão se transformar em nome, verbo, ou adjetivo, quando for c-comandada por um núcleo categorizador. Em alguns modelos, como o que adotamos neste trabalho (cf. MINUSSI, 2008 e 2009), as raízes são consideradas abstratas e devem conter traços semânticos, os quais vão formar um conceito mais geral. No modelo de Arad (2003), por exemplo, há núcleos categorizadores que, ao c-comandarem as raízes abstratas, vão negociar com as raízes um significado mais específico e darão a elas uma categoria.

Contudo, se levarmos em conta a teoria da MD, precisamos definir a que correspondem os parâmetros citados acima nessa teoria: (i) são traços pertencentes à raiz? ou (ii) são morfemas abstratos?. Uma primeira hipótese que estamos sugerindo neste trabalho é que esses parâmetros, além de funcionarem como fonemas e morfemas nas línguas de sinais, como discutimos anteriormente, também podem ser vistos de outra forma, isto é, como traços abstratos que podem fazer parte de uma raiz abstrata ou seja, são parâmetros abstratos.

Neste ponto, devemos deixar claro que não estamos considerando a visão dos parâmetros enquanto fonemas, como já foi assumido por (XAVIER, 2006), pois na MD estamos trabalhando apenas com traços abstratos, ou seja, estamos assumindo a Inserção Tardia para qualquer dos elementos, sejam raízes ou morfemas abstratos. Desse modo, seria contraditório tomarmos os parâmetros como fonemas.

Como já dissemos, estamos sugerindo que os parâmetros podem ser tomados como traços, os quais podem fazer parte de uma raiz e, conseqüentemente, podem servir para compor a semântica de um sinal. Esses cinco traços/parâmetros devem ser tomados como traços gerais que podem conter outros tipos de informação específica. Por exemplo, o traço M pode conter a especificação “repetição”, “longo”, “curto”; o traço CM pode ser especificado como “em forma de V”, “em forma de A” etc. Não vamos nos prolongar na discussão sobre especificação desses traços, pois para nós, por enquanto, basta sabermos que os parâmetros podem ser considerados traços.

Ao tomarmos a hipótese de que os parâmetros são traços, vamos considerar que as raízes abstratas podem ser separadas em dois tipos: (i) raízes em que o traço de [+movimento] está incorporado a ela; e, (ii) raízes em que não há incorporação do traço de movimento.



Podemos encontrar sinais em que o movimento está incorporado na raiz e ele não tem ligação direta com a categoria do sinal, de modo que ele faz parte do conceito daquele sinal. Essa característica pode ser observada em dados como em (4), que terão uma estrutura como em (3)a).

- (4) a) ÁGUA
b) TELEVISÃO
c) JANELA

Uma característica das palavras em (4) é que elas não possuem uma contraparte verbal do sinal de categoria lexical neutra realizado com o acréscimo de movimento, isto é, o verbo “AGUAR”, em LIBRAS, não é realizado com mais movimento, mas é formado acrescentando outro elemento, como outro sinal ou classificador, por exemplo, como podemos ver abaixo:

- (5) a) ÁGUA^REGADOR_{CL} ‘aguar’
b) TELEVISÃO ASSISTIR ‘ver televisão’
c) ABRIR-JANELA_{CL} ‘abrir a janela’

Embora o traço de [+movimento] não traga nenhuma diferença em alguns sinais, em outras línguas de sinais como, por exemplo, a ASL, esse traço parece ser essencial para distinguir sinais que são interpretados como verbo ou como nome, como no par CHAIR / TO-SIT ‘cadeira/ sentar’ que descrevemos na Introdução deste trabalho seguindo Supalla e Newport (1978, *apud* LIDELL; JOHNSON, 2000 [1992], p.270-271)

A pesquisa sobre o traço [+movimento] já foi realizada na LIBRAS. Autores como Felipe (2006) mostram que parece não haver uma diferença na categoria de alguns sinais. Essa autora, ao fazer uma pesquisa equivalente a outra realizada na ASL, diz que pôde-se verificar as diferenças entre nomes e verbos em alguns pares também trabalhados por Supalla e Newport (1978).

Felipe (2006) cita dados como AVIÃO/IR-DE-AVIÃO e FERRO/PASSAR-COM-FERRO apresentam uma diferença em relação ao parâmetro movimento. Segundo a autora, o verbo IR-DE-AVIÃO, que apresentou um movimento mais alongado, em relação ao

substantivo AVIÃO, e o verbo PASSAR-COM-FERRO apresentou um movimento mais repetido e alongado, em oposição ao movimento repetido e retido para o substantivo FERRO. Contudo, uma vez que essas diferenças não foram aplicadas a todos os pares, a autora trata este tipo de formação como derivação zero, entendida como “itens lexicais com formas que são diferenciadas somente a partir da sua função no contexto linguístico onde está inserida” (FELIPE, 2006, p. 205).

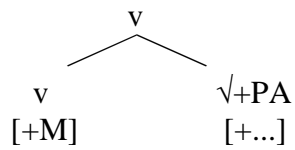
Algumas gravações foram realizadas, como já dissemos anteriormente, em que foi mostrada uma figura e se pediu aos sinalizadores que formassem uma sentença, ou que dessem um contexto em LIBRAS. Pudemos ver, como resultado preliminar que, de fato, há uma diferença envolvendo movimento entre os pares de nomes e verbos para alguns dos sinalizadores. Vejamos alguns dados coletados:

- (6) a) CADEIRA / SENTAR
- b) AVIÃO / IR-DE-AVIÃO
- c) TESOURA / CORTAR-COM-TESOURA
- d) CASA / MORAR
- e) TELEFONE / TELEFONAR

As gravações mostraram de modo geral que nas formações de verbos há mais movimento que nas formações de nomes. Por exemplo, CADEIRA tem um movimento, enquanto SENTAR tem dois movimentos⁹ - a mesma coisa foi observada nos exemplos em (6)d) e em (6)e) apenas o verbo tem movimento dirigido para pessoa sobre a qual eu estou falando (o que nos pareceu um tipo de concordância). AVIÃO e TESOURA podem ter, de fato, um movimento curto, enquanto IR-DE-AVIÃO e CORTAR-COM-TESOURA tem um movimento alongado – novamente, o padrão foi notado para os pares em (6)b/c).

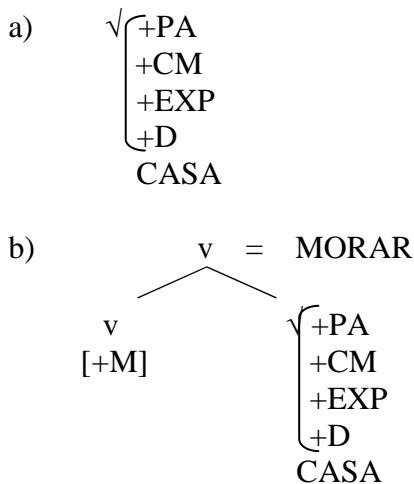
Essas observações nos sugeriram como hipótese preliminar que o traço [+movimento] é a realização de um categorizador verbal, quando ele não está incorporado na raiz, transformando a raiz acategorial em verbo, como na estrutura em (7).

(7)



Assim sendo, se tomarmos um par de sinais, em que haja um conceito comum entre eles como, por exemplo, CASA e MORAR, consideramos que CASA é uma raiz neutra categorialmente, pois o traço de movimento não está incorporado a ela. Por sua vez, vamos considerar que na formação de MORAR, temos a mesma raiz de CASA, que é categorizada por um núcleo verbal, realizado pelo traço de movimento.

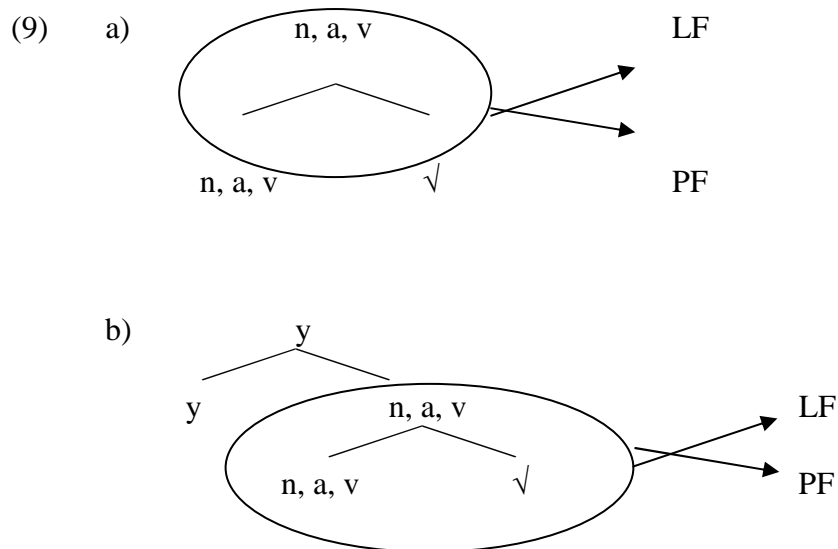
(8)



O núcleo categorizador em (8)b), não é responsável apenas por categorizar a raiz que possui o conceito CASA, mas negocia com esta raiz um novo significado nos moldes da teoria de fase dentro de palavra delineada em Marantz (2001) e Arad (2003).

Para os autores citados, fase não se restringe a vP ou CP, mas a todos e qualquer núcleo categorizador (n, v, a. etc.) que for anexado a uma estrutura sintática. Marantz (2001), a fim de reconstruir os dois lugares¹⁰ de formação de palavra na sintaxe, faz uma distinção entre palavras que são criadas a partir de raízes (elementos atômicos, destituídos de material

funcional) e palavras criadas a partir de palavras existentes, isto é, palavras que são formadas a partir de raízes já categorizadas. Vejamos os esquemas em (9):



Segundo Arad (2003), a raiz não é uma palavra de verdade. Ela torna-se um nome, um adjetivo ou um verbo ao se concatenar a um núcleo que carrega um traço n, a ou v, como em (9)a). Esse seria o primeiro domínio ou fase se usarmos a terminologia de Chomsky (2001). É nesse domínio que o significado específico da raiz é negociado/fixado, consultando o conhecimento armazenado na Enciclopédia (Lista 3).

Na LIBRAS, o fenômeno de categorização, pelo menos de modo preliminar, não parece ocorrer para todas as categorias, por exemplo, não é possível afirmar que CASA seja um nome, pois não há nenhuma marca que possa ser considerada um categorizador nominal, exceto a ausência de movimento em relação à sua contraparte com movimento que é interpretada como MORAR, que é um verbo.

O mesmo dizemos para aquelas raízes, como ÁGUA, que possuem traço de movimento incorporado a elas. Não é possível dizer que se trata de um nome, ou de um verbo, pois não existe uma contraparte com ou sem movimento, ou com outro movimento, isto é, o

verbo “aguar” não é derivado, a partir de um movimento, da raiz ÁGUA, mas sim a partir de uma composição de ÁGUA^REGAR_{CL}.

Na próxima seção, vamos tratar de alguns tipos de composição disponível na LIBRAS, além de sugerir que existam dois tipos de estrutura de formação de compostos.

3. Os tipos de composição

Felipe (2006) sugere que haja três tipos de composição em LIBRAS. Para a autora, o processo de composição se utiliza de itens lexicais que são morfemas livres que se justapõem, ou se aglutinam, para formarem um novo item lexical. Assim sendo, o processo de composição pode se realizar por meio da:

- (i) Justaposição de dois itens lexicais, ou seja, dois sinais que formam uma terceira forma livre, como, por exemplo: MULHER^BEIJO-NA-MÃO = “mãe”; ASSINAR^SEPARAR = ‘divórcio’.
- (ii) Justaposição de um classificador com um item lexical. Nesse processo, o classificador não é uma marca de gênero¹¹ e funciona como um clítico. São exemplos desse processo os sinais: coisa-pequena^PERFURAR ‘alfinete’; coisa-pequena^APLICAR-NO-BRAÇO ‘agulha’; DORMIR^⁺¹² pessoa ‘alojamento’
- (iii) Justaposição da datilologia da palavra, em português, com o sinal que representa a ação realizada pelo substantivo como em: COSTURAR-COM-AGULHA^A-G-U-L-H-A ‘agulha’.

Em Figueiredo-Silva; Sell (2010), as autoras mostram três tipos de compostos. O primeiro tipo é chamado de “compostos aparentes” e apresentam exemplos como em (10).

- (10) a) HOMEM^CRIANÇA / MULHER^CRIANÇA [menino / menina]
b) BEBÊ^HOMEM / BEBÊ^MULHER [bebê – menino ou menina]

- c) TI@^HOMEM / TI@^MULHER [tio / tia]
(FIGUEIREDO-SILVA; SELL, 2010, p. 17)

Para as autoras, os nomes, na LIBRAS, não possuem marcação morfológica de gênero. Além disso, as combinações em (10) não podem ser consideradas uma composição verdadeira, porque a ordenação desses sinais pode variar. Segundo a hipótese de composição que as autoras consideram, a ordem dos componentes é invariável.

Há também os compostos chamados de “compostos verdadeiros”, os quais apresentam uma ordem mais fixa.

- (11) a) HOMEM^RURAL [agricultor]
b) MULHER^COSTURA [costureira]
c) CASA^ESTUDO [escola]
d) CASA ^CRUZ [igreja]
(FIGUEIREDO-SILVA; SELL, 2010, p. 21 e 22)

Por fim, Figueiredo-Silva & Sell (2010) descrevem um terceiro tipo de composto, chamado “compostos frasais”, os quais são formados por mais de dois sinais. Vejamos os exemplos abaixo:

- (12) a) HOMEM^CONSERTO^ELETRICIDADE [eletricista]
b) HOMEM^ ELETRICIDADE^CONSERTO [eletricista]
(FIGUEIREDO-SILVA & SELL, 2010, p. 23)

As autoras ressaltam que nem todos os sinais formados pela junção de dois ou mais sinais é um composto. Nos compostos frasais, a ordem não é fixa e também não há obrigatoriedade dos sinais. Por exemplo, o sinal referente a ‘eletricista’ pode ser formado sem informação sobre o sexo do referente, isto é, CONSERTO^ELETRICIDADE.

Contudo, as autoras ressaltam que dentro do grupo de sinais formados com mais de dois sinais, há um grupo que utiliza a forma [CASA + N + N] para expressar lugares/locais e

que estes podem ser chamados compostos, pois exibem uma ordem fixa e há obrigatoriedade de todos os sinais.

- (13) a) CASA^VENDA^PAPEL [papeleria]
b) CASA^VENDA^CARNE [açougue]
(FIGUEIREDO-SILVA & SELL, 2010, p. 24)

No que diz respeito a esse último tipo de composto, os dados captados para esse trabalho mostram que não parece haver tal regularidade quanto à forma CASA + N + N, nem mesmo quanto à ordenação dos elementos que as autoras sugerem. O sinal de ‘açougue’, por exemplo, é às vezes realizado com LOJA_{CL}, em vez de CASA . Em nossa gravação, pudemos observar que o sinal ‘açougue’ foi realizado apenas como LOJA^CARNE.

Esses fatos sugerem que mais testes devem ser realizados, pois pode haver uma variação dialetal afetando esse grupo de compostos. Além disso, eles revelam que o critério de obrigatoriedade e ordenação dos elementos não devem ser utilizados como principais definidores do fenômeno de composição na LIBRAS. Sendo assim, no presente trabalho, trataremos dos três grupos de sinais citados acima como compostos.

Assim sendo, passemos a discutir uma primeira característica no que diz respeito à composição, utilizando a noção de *raiz* que desenvolvemos anteriormente. Podemos perceber que os compostos possuem, em geral, duas estruturas: [$\sqrt{\text{RAIZ}}$ (neutra) + classificador] e [$\sqrt{\text{RAIZ}}$ (neutra) + $\sqrt{\text{RAIZ}}$ (neutra)].

Essa primeira hipótese sobre os tipos de estruturas dos compostos em LIBRAS decorre da observação de que não há compostos formados por verbos, entendendo um verbo como uma $\sqrt{\text{RAIZ}}$ (neutra) + Movimento, ou seja, uma $\sqrt{\text{RAIZ}}$ (neutra) que foi categorizada, e tal categorizador é expresso por meio de *movimento*. Mesmo uma raiz que possui um movimento incorporado a ela como, por exemplo, ÁGUA, tem o movimento reduzido¹³ quando ela é utilizada para formar um composto. Dessa forma, a perda de movimento parece ser um indicativo de que há uma composição, bem como Lidell (1984) e Klima & Bellugi (1979)

mostram para a ASL. A primeira estrutura hipotetizada [$\sqrt{\text{RAIZ}}$ (neutra) + classificador] ou [classificador + $\sqrt{\text{RAIZ}}$ (neutra)] é encontrada em sinais como:

- (14) a) $\sqrt{\text{ÁGUA}}^{\text{[+ CÍRCULO}_{\text{CL}}]}$ [lagoa]
 b) $\sqrt{\text{ÁGUA}}^{\text{[+ RETÂNGULO}_{\text{CL}}]}$ ¹⁴ [piscina]
 c) $[\text{LOJA}_{\text{CL}}]^{\text{15}} \sqrt{\text{PIZZA}}$ [pizzaria]

Cabe explicitar neste ponto que entendemos por classificador não exatamente o que é considerado um classificador em LIBRAS, mas um classificador na línguas orais. Alguns línguas, como o Miraña, fazem uso de certos marcadores, na maioria das vezes relacionados ao formato de um elemento como redondo, alongado, fino, quadrado, para formar novas palavras. Observemos os exemplos da língua Miraña em (15):

- (15) a) *Pihúí-ko*
 Pesca-marcador de classe específico (SCM).1D¹⁶.pontudo
 ‘vara de pesca’
 b) *túí ?a-huí*
 pé-SCM.orifício
 ‘sapato’

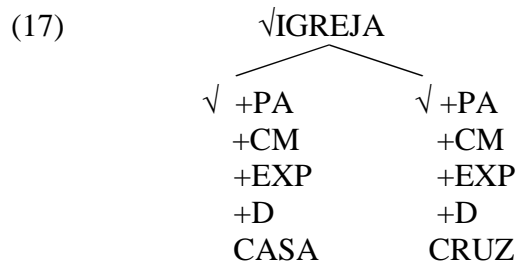
Em (15)b), por exemplo, temos uma raiz *túí ?a*, que significa pé e um marcador de classe específico que significa ‘orifício’. Juntos, raiz e marcador de classe significam ‘sapato’. Assim, podemos considerar que traços como [+ RETÂNGULO], [+ REDONDO], na LIBRAS, equivalem a alguns classificadores das línguas orais.

A segunda estrutura que podemos encontrar nos compostos é a mais tradicional, em que temos duas raízes fazendo parte do composto [$\sqrt{\text{RAIZ}}$ (neutra) + $\sqrt{\text{RAIZ}}$ (neutra)], como nos dados abaixo:

- (16) a) LOJA[^]PIZZA [pizzaria]
 b) CASA[^]ESTUDO [escola]
 c) CASA[^]CRUZ [igreja]

d) MORTE^CRUZ [cemitério]

Esses compostos possuem uma estrutura como abaixo:



Como já mencionamos anteriormente, consideramos que os compostos na LIBRAS sejam formados por raízes neutras, em vez de verbos. Essa característica fica bastante evidente em compostos em que temos uma contraparte verbal de uma raiz, como é o caso de CASA e MORAR. Um composto como 'igreja' não é formado por MORAR^CRUZ, uma vez que o primeiro elemento está desprovido do traço [+movimento].

4. Outros tipos de compostos

Meir et al. (2010) tem argumentado que em ASL alguns compostos podem ser formados por sinais simultâneos. A LIBRAS tem dois articuladores independentes, as mãos, e poucos sinais são produzidos apenas utilizando-se expressões faciais, como SEXO e LADRÃO, de modo que formar compostos simultâneos é uma possibilidade lógica nessa língua, o que não é possível nas línguas oral, as quais possuem apenas um articulador. Assim, em LIBRAS, como em ASL, podemos separar os compostos em simultâneos e não simultâneos. Os compostos não simultâneos, portanto, são aqueles como os que já apresentamos em (1)a-c neste trabalho e repetimos abaixo:

- (18)
- | | | |
|----|----------------------------|------------|
| a) | CASA^ESTUDAR | [escola] |
| b) | ÁGUA^CAMINHO | [rio] |
| c) | LOJA ^{ACL} ^PIZZA | [pizzeria] |

Os compostos simultâneos apresentam dois sinais diferentes realizados ao mesmo tempo, como nos exemplos em (1)d-f, repetidos abaixo:

- | | | | |
|------|----|---------------|--------------------|
| (19) | a) | SEXO^VIAJAR | [lua-de-mel] |
| | b) | LADRÃO^ATRAIR | [ganhar o público] |
| | c) | PÉ^PÉCL | [chinelo] |

Em (19)a e b) o composto é formado por um sinal que é realizado por uma expressão facial (SEXO em (19)a) e LADRÃO em (19)b)) e um sinal realizado pelas mãos (VIAGEM em (19)a) e ATRAIR em (19)b). Isto é, esses compostos simultâneos são formados por um sinal realizado pela expressão facial e outro que é realizado pelas mãos. O exemplo em (19)c), por outro lado, mostra um composto em que cada uma das mãos realiza um sinal diferente. Essa é uma possibilidade encontrada na LIBRAS, quando não há movimento envolvido, uma vez que não é possível fazer um sinal diferente com um movimento diferente usando cada uma das mãos simultaneamente por razões de coordenação motora¹⁷.

A classe de compostos simultâneos, como podemos perceber, tem como característica a não composicionalidade, ou seja, cria-se um significado novo que se distancia um pouco ou muito do significado dos sinais que o compõe.

5. Conclusões

Como resultados desta pesquisa, examinamos os tipos de compostos produtivos em LIBRAS e identificamos algumas propriedades presentes nesses compostos.

Por meio do arcabouço teórico da MD, argumentamos que há dois tipos de raízes: a) raízes nas quais o traço de movimento está incorporado nelas mesmas; e, b) raízes nas quais o traço de movimento não está incorporado nas mesmas.

Compostos em LIBRAS podem ser formados por dois sinais. Esses sinais são formados por raízes acategoriais, isto é, raízes que tem um traço de movimento que faz parte de sua composição de traços (parâmetros) e um classificador; ou por raízes que não tem o traço de movimento incorporado e um classificador. Esse último tipo de raiz pode formar verbos pela adição do traço de movimento.

Além disso, mostramos que os parâmetros da LIBRAS podem ser divididos em: parâmetros fonológicos, referentes aos fonemas da língua; parâmetros morfológicos, referentes aos morfemas tradicionais da língua; e, no que chamamos de parâmetros abstratos, aqueles que discutimos que formam as raízes abstratas na LIBRAS.

6. Referências

- ARAD, Maya. (2003). Locality constraints on the interpretation of roots: the case of Hebrew denominal verbs. In: *Natural Language & Linguistic Theory*. Vol 21, p. 737-778.
- BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. (2012). O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. *ReVEL*, v. 10, n. 19.
- BRITO, Lucinda Ferreira. (2010 [1995]). *Por uma gramática de línguas de sinais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 273 p.
- CAPOVILLA, Fernando César & RAPHAEL, Walkiria Duarte. (2001). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira – Libras*. v. I e II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado.
- CHOMSKY, Noam. (2001). Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (org.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 1-52.
- FELIPE, Tanya Amara. (2006). Os processos de formação de palavras na LIBRAS. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina & SELL, Fabíola Ferreira Sucupira. (2009). Algumas notas sobre os compostos em português brasileiro e em LIBRAS. PPT apresentado na USP e artigo disponibilizado por e-mail.

KLIMA, Edward S. & BELLUGI, Ursula. (1979). *The Signs of Language*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

LEITE, Tarcísio de Arantes. (2008). *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 280 p.

LIDELL, Scott K. (1984). *THINK and BELIEVE: sequentiality in American Sign Language*. *Language*, v. 60, n. 2, p. 372-399.

LIDELL, Scott K. & JOHNSON, Robert E. (1989). American Sign Language: the phonological base. In: VALLI, Clayton & LUCAS, Ceil (Eds.). *Linguistics of American Sign Language: An Introduction*. 3ª edição, (2000 [1992]).

_____. (1986). American Sign Language compound formation processes, lexicalization, and phonological remnants. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 4, n. 8, p. 445-513.

MARANTZ, Alec. (2001). 'Words'. In: *West Coast Conference on Formal Linguistics*, University of Southern California Los Angeles.

MATHUR, Gaurav. (2000). *Verb Agreement as Alignment in Signed Languages*, PhD Dissertation, MIT, Cambridge, MA.

MCCLEARY, Leland Emerson & VIOTTI, Evani de Carvalho. (2007). Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: SALLES, H. (Org.). *Bilinguismo e surdez*. Questões linguísticas e educacionais. Goiânia: Cênone Editorial, p. 73-96.

_____ & LEITE, Tarcísio. (2010). Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. *Alfa*, São Paulo, 54, (1), p. 265-289.

MEIR, Irit; ARONOFF, Mark & SANDLER, Wendy & PADDEN, Carol. (2010). Sign language and compounding. In: SCALISE, S. & VOGEL, I. (Eds.). *Compounding*. John Benjamins, p. 301-322.

MINUSSI, Rafael Dias. (2009). Os nomes compostos do hebraico: uma análise morfossintática. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 259-271.

_____. (2008). A relação entre Caso e definitude no hebraico: o Construct State e a marcação diferencial de objeto. Dissertação de mestrado, USP. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-30092008-152504/>.

PIZZIO, Aline Lemos. (2011). A Tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

RODERO TAKAHIRA, Aline Garcia. (Em andamento). Morfologia da LIBRAS. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP).

_____. (2012). Questões sobre compostos e morfologia da LIBRAS. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 262-276.

QUADROS, Ronice Muller & KARNOPP, Lodenir Becker. (2004). *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed.

SEIFART, F. (2005). *The structure and use of shape-based noun classes in Miraña (North West Amazon)*. Tese (Doutorado) – Radboud University Nijmegen.

SIDDIQI, Daniel. (2009). *Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology*. *Linguistik Aktuell/Linguistics Today* 138. Amsterdam: John Benjamins.

STOKOE, William (1960). Sign language structure: An outline of the visual communication systems of the American Deaf. *Studies in Linguistics, Occasional Papers* 8. Buffalo: University of Buffalo Press.

SUPALLA, Ted & NEWPORT, Elissa. (1978). How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American sign language. In: SIPLE, P. (Ed.). *Understanding language through sign language research*. New York, Academic Press.

UYECHI, Linda. (1993). Merging in American Sign Language compounds. In: DUNCAN, E.; FARKAS, D. & SPAELTI, P. *The Proceedings of the Twelfth West Coast Conference on Formal Linguistics*, p. 167-182.

XAVIER, André N. (2006). *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LIBRAS)*. 175 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

¹ Agradecemos a dois colaboradores anônimos que discutiram versões anteriores deste trabalho, e aos nossos informantes Surdos que participaram de gravações para coleta de dados e julgamentos de gramaticalidade.

² Para a autora, gênero pode se referir a coisas animadas - pessoa, animais -, ou a coisas inanimadas, por exemplo, veículos.

³ O sistema de transcrição utilizado neste artigo faz uso de palavras a partir do português brasileiro em letras maiúsculas para indicar o sinal; o hífen é utilizado para indicar quando mais de uma palavra em português é utilizada para descrever um único sinal; ^ indica um nome composto, e @ indica o lugar da flexão de gênero e serve para mostrar a ausência da marca morfológica na LIBRAS. Tal sistema é o mesmo utilizado em Figueiredo Silva & Sell (2009) e Quadros & Karnopp (2004), entre outros. Por questões de espaço, incluímos poucas ilustrações (fotos) dos sinais neste artigo. Mais detalhes sobre a sinalização, inclusive com a LIBRAS escrita (*SignWriting*) podem ser vistas no dicionário de LIBRAS de Capovilla & Raphael (2001). Para um aprofundamento das questões a cerca dos sistemas de transcrições, veja também McCleary & Viotti (2007) e McCleary; Viotti & Leite (2010).

⁴ As entrevistas foram feitas com base em figuras (situações) apresentadas para o informante Surdo a partir da qual ele nos contava uma estória ou fato. Essas entrevistas foram gravadas para consultas e análise posteriores.

⁵ CL é a abreviação de classificador. Nas línguas de sinais, os classificadores tem relação com o formato das mãos usado para mostrar como é alguma coisa ou alguém. Por exemplo, o sinal para o verbo “andar” é diferente se quem anda é uma pessoa, um animal, ou um pássaro. O que muda nesse sinal é exatamente o classificador usado para indicar que são “as pernas de uma pessoa”, “as patas de um cachorro”, ou “as patas de um pássaro”. Neste artigo, vamos utilizar tanto a noção de classificador na língua de sinais (noção dada anteriormente) quanto a noção de classificadores que é comum na literatura para as línguas orais, a qual será dada posteriormente. Para um estudo mais detalhado sobre os classificadores na LIBRAS veja Bernardino (2012).

⁶ Veja também Pizzio (2011) que discute que há muita variação na sinalização dos pares nome-verbo. A autora afirma que “muitas vezes, os indivíduos não diferenciavam na sua produção o nome e o verbo, produzindo o mesmo sinal para ambos os casos. Em outras situações, a diferenciação ocorreu por meio do uso de sinais compostos, principalmente na produção dos nomes (...)”.

⁷ Entendemos sinais como palavras, mas em uma língua de modalidade visuo-gestual.

⁸ Para mais detalhes sobre os processos fonético-fonológicos da LIBRAS, veja Xavier (2006).

⁹ O padrão oposto foi observado em Quadros & Karnopp (2004), isto é, CADEIRA com mais movimento e SENTAR com apenas um movimento. Precisaremos aplicar mais teste para verificar como esses padrões são realmente utilizados pelos surdos. Veja também Pizzio (2011) para mais testes na LIBRAS.

¹⁰ Esses dois lugares podem se referir seja aos dois componentes da gramática (o léxico vs. a sintaxe) ou a dois diferentes níveis do mesmo componente (nível derivacional vs. nível

flexional). Todas as teorias compartilham da intuição de que exista um nível mais baixo em que a formação da palavra está associada à idiossincrasia (vazios (*gaps*), significado não composicional), e outro nível mais alto em que a formação de palavra estaria relacionada à produtividade e a regularidade (seria o nível sintático, flexional, etc.) (Cf. ARAD, 2003).

¹¹ A autora utiliza gênero para se referir a coisas como formato e não a masculino e feminino.

¹² O símbolo ⁺ é utilizado pela autora para representar a marca de plural, que na LIBRAS pode acontecer através da repetição do item lexical.

¹³ Essa redução de movimento pode ser comparada ao fenômeno de perda de acento que ocorre em algumas palavras nas línguas orais, quando essas participam da formação de um composto.

¹⁴ Também encontramos esse sinal como RETÂNGULO_{CL}⁺NADAR e ÁGUA⁺RETÂNGULO_{CL}⁺NADAR.

¹⁵ Encontramos o sinal LOJA como um classificador (a forma de um porta grande – configuração da mão em “1”) e como um sinal –configuração da mão ativa (a mão que produz o sinal com movimento) em “L” se movimento em círculo além da mão passiva. A mão passiva (a mão que trabalha como base, sem movimento) tem a configuração de “S”.

¹⁶ 1D (uma dimensão). Dados retirados de Seifart (2005).

¹⁷ Um leitor anônimo nos chamou a atenção para a possibilidade de que se considerar ESCREVER como um composto, uma vez que esse sinal é formado por uma mão passiva, na forma de um papel, usando um classificador (no sentido em que é empregado nas línguas de sinais), e uma mão ativa fazendo o movimento de ‘escrever’. Há outros exemplos desse tipo como LER, DESENHAR, entre outros. Essa é uma discussão que pode ser desenvolvida em pesquisa futura.